

A lenta convalescença do maior hospital da cidade

Novo diretor do HBB fala ao Jornal do Brasil dos problemas e das soluções para enfrentá-los

GUILHERME QUEIROZ

A pilha de 1,4 milhão de prontuários médicos, acumulados em quase 44 anos de vida, resumem bem a história do Hospital de Base de Brasília (HBB). Ao mesmo tempo que o consolida como o principal centro de atendimento

médico do Centro-Oeste, revela o desgaste de uma estrutura mantida à margem dos avanços da informática, ainda gerida na base do papel. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o recém-empossado diretor do HBB, o cardiologista José Carlos Quináglia, fala da instituição cheia de contradições, como os equipamentos modernos

operados por um qualificado corpo médico em uma estrutura carente de revitalização. Dos 550 mil atendimentos por ano, em média, o hospital só consegue cobrar por 210 mil. Os valores ficam perdidos em comandas preenchidas à mão, que não satisfazem o prazo de entrega do SUS. Quináglia quer romper com essa realida-

de. Na próxima semana, começa a trabalhar no Plano Diretor do HBB – que vai traçar os parâmetros da reestruturação do hospital –, prevento, entre outras coisas, a ampliação da UTI e a aquisição de novos equipamentos.

guilherme.queiroz@jb.com.br

Falta de Suprimentos

A falta de materiais como anestésicos, luvas e algodão fez com que algumas salas de cirurgia fossem desativadas, no fim do ano passado, desacelerando a unidade de cirurgia. Operações programadas foram adiadas para dar prioridade a procedimentos de emergência. Segundo o diretor José Carlos Quináglia, o desabastecimento ocorreu porque o orçamento previsto para 2003 foi exaurido antes do fim do ano. Um dos fatores que contribuem para o esgotamento precoce dos recursos da rede pública do DF é o atendimento de pessoas vindas da Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais e Piauí. Pacientes de outros estados não são calculados no repasse do SUS para o DF, apesar de usufruirem da estrutura local.

– Entre 30 e 40% da demanda atual vêm de outros estados – calcula.

O problema somente seria resolvido com a adoção do Cartão SUS, sistema que permite o faturamento e reembolso no mesmo estado.

Superlotação

A superlotação nos seis postos de emergência do pronto-socorro é patente. O posto cinco, por exemplo, tem capacidade para 21 pacientes e chega a acomodar 90. Isso acontece porque não há como planejar o movimento do pronto-socorro. À medida que os pacientes chegam, são internados.

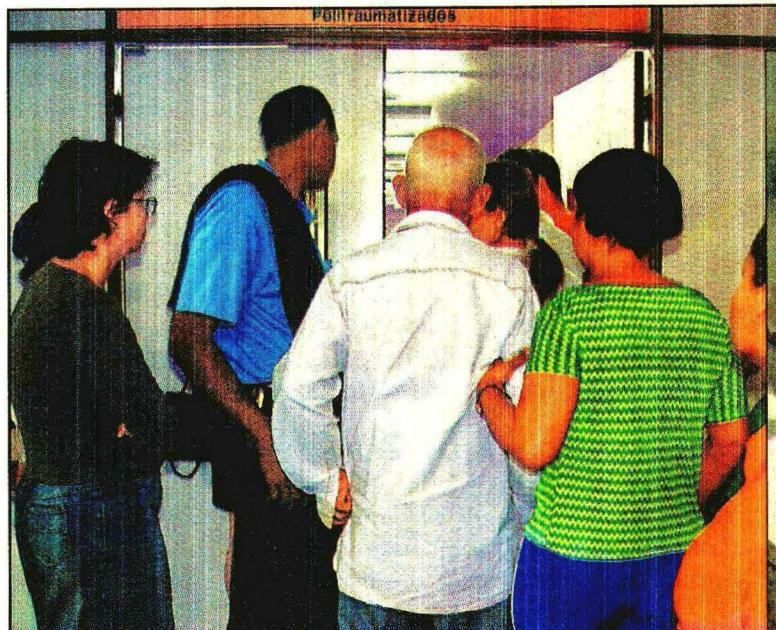
– É desumano. Mas não dá para colocar uma cama por acompanhante. O jeito é ficar ao lado, de pé, sentado, como podem – conta Quináglia.

Transplantes

Brasília já foi o principal transplantador renal per capita, no Brasil, segundo Quináglia. Com o passar dos anos, o número de transplantados tem caído. Em 2000, 82 pessoas receberam rins de doadores. Em 2003, o número despencou para 32.

– É um ritmo muito aquém daquilo que nós esperamos – avalia o diretor.

Atualmente, funcionam no HBB unidades de transplante renal e de córnea. Quináglia coloca como prioridade a reativação das unidades de transplante de fígado, de pulmão e de medula óssea ainda em 2004. Antes, é preciso comprar equipamentos como aquecedor de



ATENDIMENTO Diretor revela que o HBB deixa de receber milhares de consultas do SUS por causa da burocracia do papel



REFORMAS Obras no HBB vão seguir normas do Plano Diretor

Equipamentos

Em 45 dias, o hospital recebe novo laboratório de hemodinâmica – equipamento usado em cateterismos, angioplastia e estudos eletro-fisiológicos. Em até três meses, chega também um novo acelerador linear para tratamento radioterápico. O equipamento, que deveria ter chegado em janeiro, vai atender uma demanda reprimida de 500 pacientes que necessitam de radioterapia. Como não podem esperar, esses pacientes recebem tratamento em outras cidades, pago pelo SUS.

Outros instrumentos sofrem de envelhecimento precoce, como a ressonância magnética – único na rede pública. O tomógrafo do ambulatório precisa ser substituído.

Reformas

Ao todo, 12 reformas estão em curso no HBB. Todas estão suspensas temporariamente até o fim da visita dos representantes da empresa que vai elaborar o Plano Diretor do HBB. Entre terça e quarta-feira, eles vão percorrer as instalações para determinar quais obras serão enquadradas no plano e quais podem ser executadas fora do planejamento. As reformas do teto do ambulatório, da fachada do pronto-socorro e a troca dos elevadores devem ser retomadas na semana que vem. Reformas das unidades de Ortopedia, Anatomia Patológica, da rede de vapor, da cobertura do

UTI

A Organização Mundial de Saúde (OMS) sugere que um hospital tenha 10% de leitos de UTI correspondentes ao total de leitos. No HBB, onde deveria haver 70 leitos de UTI, há 18. Quando não há vagas na unidade, os pacientes acumulam-se no atendimento semi-intensivo do pronto-socorro porque não há convênio com hospitais da rede privada que permite a transferência de pacientes. O atendimento no pronto-socorro torna-se, assim, mais lento. Para acelerar o processo, é preciso também criar uma unidade intermediária para ampliar o projeto do centro cirúrgico. Até o fim de março, mais dez leitos serão inaugurados com previsão de compra de equipamentos e contratação de pessoal. No fim de 2004, o número chegará a 58, prevê Quináglia. Espera, com isso, aumentar a transferência de pacientes em estado grave para a UTI, ao invés de mantê-los no pronto-socorro.

Ambulatório

Cerca de 3 mil metros quadrados – ou 25% da área – do teto do Ambulatório caíram, no início do ano, devido a infiltrações. A entrada de água na estrutura se acentuou durante as reformas do telhado, na qual foi retirada a impermeabilização. As alas de pediatria, cardiolgia e pneumologia tiveram de ser isoladas e as especialidades

estão sendo atendidas nos hospitais regionais do Plano Piloto. As obras continuam, mas a passo lento, até o fim das chuvas.

– Estimo uma demora de até dois meses – prevê Quináglia.

Elevadores

Dos doze elevadores que fazem o transporte de pacientes entre os 11 andares do HBB, só seis estão em funcionamento, devido à falta de manutenção. Em novembro de 2003, uma empresa especializada venceu a licitação para substituir e manter os elevadores do hospital. O contrato – firmado via Novacap –, entretanto, ainda não foi assinado porque aguarda a documentação.

– Não chega a tumultuar o serviço nem a atrapalhar a rotina do hospital – analisa.

Redes básicas

As redes elétrica, hidráulica e telefônica serão revistas no Plano Diretor do HBB. As instalações nos blocos de internação e do ambulatório terão prioridade. Aos 44 anos de vida, o HBB ainda não tem água quente no bloco de internação. A estrutura e as tubulações, como estão, não permitem a instalação de chuveiros elétricos.

O HBB EM NÚMEROS

52 mil m²

Área construída

700

leitos

18

leitos em UTI

3,8 mil

Funcionários

700

médicos

996

Auxiliares de enfermagem

178

enfermeiros

39

Especialidades médicas